

OS EMPRESÁRIOS QUEREM SEGUIR EM FRENTE!

De nada serviria acrescentar mais uma «análise» ao que se passou nos primeiros dias de julho em Portugal. Ou melhor, nos palcos mediáticos do país, que surgem cada vez mais como autênticos «órgãos de soberania».

Está tudo aí, à frente dos nossos olhos.

O desfile incessante de um exército de políticos comentadores e de comentadores políticos, todos «indignados» claro, candidatos a ministros e a cargos de Estado, incluindo a Presidentes da República. As declarações repetitivas e inconsequentes de dirigentes partidários e as respostas agressivas dos seus inimigos internos. O cinismo sobre «eleições». Tudo num quadro de crise do governo, de demissões polémicas (e irrevogáveis) de ministros e tomadas de posse patéticas. Que desembocam numa remodelação inesperada e em alterações de estrutura no governo.

Vimos e ouvimos de tudo. Cada português tem diante de si todos os dados para tirar conclusões e avaliar em consciência, factos e pessoas.

Mas neste momento a nós empresários - que temos «eleições» todos os dias e não quando dá «jeito» - para além de juízos de valor e opiniões políticas, que também as temos – pelas responsabilidades económicas e sociais que nos envolvem, interessa sobretudo ter consciência de algumas situações.

A primeira é sem dúvida que esta crise pôs a nu, para quem tivesse dúvidas, toda a fragilidade da nossa economia e finanças e que Portugal, como se viu, pode desmoronar-se e colapsar financeiramente em poucos dias. Isto é: mais falências e mais desemprego, e um desastre

social. Ninguém pode brincar às «crises» pensando que elas se ficam nos contornos da política. Já sabíamos, agora sabemos melhor.

A segunda, que podia também ser a primeira, demonstrou, ao mesmo tempo, a nossa total dependência da União Europeia, dos grupos financeiros internacionais e, claro, da vontade e poder da Alemanha. Alemanha que todos os dias reafirma e avisa que compete em primeiro lugar a cada país (e não ao BCE e à Alemanha...) «trabalhar» para resolver os seus próprios problemas. Já sabíamos, ou dizíamos que sabíamos, agora sabemos melhor.

Sabemos também melhor que, pela nossa dimensão, não há qualquer complacência connosco, se não demonstrarmos ao mesmo tempo capacidade e vontade de avançar no cumprimento de compromissos. Só assim se pode «renegociar» o que quer que seja. Como acontece numa empresa ou uma família com um banco.

Claro, tudo isto exige governos competentes. Exige ministros e equipas competentes. Políticas corretas.

Mas exige também uma coisa que tem faltado: verdade e transparência. Isto é, explicação exaustiva da gravidade da realidade do país. Das razões de fundo do carácter e objetivos das medidas decididas. Todos os dias. E demonstrando que são justas e que existe equidade na distribuição de sacrifícios.

Tudo isto exige, finalmente, uma política que acredite no papel do crescimento da economia para resolver os problemas de fundo do país. E que isso não passa só por «grandes investimentos» estrangeiros.

Precisamos de um política económica que acredite no aproveitamento dos nossos recursos, que se alavanque em muito do que sabemos fazer bem, que aposte sem dúvida nas exportações, mas também na substituição de importações e no mercado interno, que aposte nas PME's, vendo nelas fatores de criação de riqueza e emprego e não elementos dispensáveis. Que aposte em todos os setores, agricultura e mar, indústria e construção, comércio, serviços, turismo, etc.. Com criatividade e inovação.

Trata-se de um «programa de economia» em que as empresas e os empresários se possam reconhecer, possam acreditar e ser mobilizados.

Os empresários querem seguir em frente com o país.

Vítor Neto
Presidente da Direção do NERA

**INSCRIÇÕES ABERTAS: MOVE PME - MODERNIZAR, OTIMIZAR E VALORIZAR
EMPRESAS**

MOVE PME

modernizar | otimizar | valorizar | empresas



Millennium
bcp microcrédito

